

EDITORIAL

Armindo Gedeão Jelembi

<https://orcid.org/0000-0002-8670-8098>

Doutor. Vice-Reitor para Extensão e Cooperação da Universidade José Eduardo dos Santos. Huambo, Angola
Email: Jelembi2021@outlook.pt

Vivemos tempos difíceis e desafiantes. Um animal minúsculo, cuja actuação produz estragos catastróficos, vai-se espalhando à escala planetária. Invisível e silencioso, pôs de sentido ricos e pobres, poderosos e fracos, cientistas e iletrados, destapou fragilidades há muito tempo instaladas nas nossas sociedades mas que fingíamos não existirem. Alterou completamente o nosso *modus vivendi*, e há quem já profetiza que nunca mais seremos como dantes. O vírus SARS-CoV-2 é o responsável pelo actual estado de calamidade em que vivemos, já qualificado pela Organização Mundial da Saúde como sendo uma pandemia. Este vírus, causador da doença covid-19, tem sido justificação para muitas pessoas exibirem a sua preguiça intelectual. Nas instituições do Ensino Superior não é excepção, e até parece que todos pretendem comungar da mesma destrutiva ideia de que o confinamento também leva ao confinamento das ideias, das iniciativas, da investigação.

O vento mediático em que a covid-19 se transformou tem mobilizado professores e investigadores a nada fazerem. O Instituto Superior Politécnico Sol Nascente tem demonstrado o inverso: o estado actual desta doença constitui uma oportunidade para o aprofundamento do conhecimento científico. As complicadas e explícitas relações que podem ser estabelecidas entre crises e desenvolvimento devem assentar nos professores e investigadores como uma oportunidade de ouro para “apresentarem trabalho”.

É assim que se constrói um país: ultrapassando a crise, vencendo barreiras, estabelecendo um padrão de superação, em que a necessidade de acreditar nas nossas capacidades é mais forte do que o desejo de desistir. O papel das Instituições do Ensino Superior (IES) é o de serem os catalisadores da pesquisa, os centros da produção de conhecimento e de descoberta de soluções para os problemas que a sociedade nos coloca.

A revista do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente representa o desejo de vencer, de mostrar que a Ciência não tem barreiras que não as de ordem ética e que, em plena execução dos malefícios deste indesejado vírus, é possível raciocinar e exprimir pensamentos. É uma tarefa difícil, e esta mais difícil se torna diante de uma enxurrada de “professores preguiçosos” que ostenta o título para o salário e a incompetência escondida nos fatos e nos carros, deixando de exercer as suas competências para o que é essencial em troca do que é acessório, o duradouro pelo efêmero, o prestígio pela vaidade.

Resulta evidente que, enquanto contrato social, a relação dos professores e investigadores universitários com a sociedade assenta no dever de, pelo menos, semestralmente apresentar um escrito de investigação sobre um tema da actualidade ou de interesse para a comunidade. Este é um *costume universitário* que reforça a autoridade científica das IES e do próprio professor ou investigador, para que o decisor judicial ou o decisor político possa acreditar no discurso universitário como solução dos problemas sempre prementes que existem na nossa sociedade.

A presente revista, além de ser um lugar específico para a publicação do resultado de processos investigativos, constitui também um importante espaço para estimular a criação cultural, o desenvolvimento do espírito científico e o pensamento crítico-reflexivo; incentiva o labor da pesquisa com o objectivo de desenvolver a Ciência e a tecnologia; promove a divulgação do conhecimento cultural e científico, incentivando o seu permanente aperfeiçoamento. Todo este esforço deve visar o desenvolvimento do bem-estar das populações.

Disse um conceituado filósofo chinês da época das dinastias, Lao-Tsé, que “quando os homens sabem que a bondade é boa, então sabem que a maldade existe”. Adianta que, “quando os homens conhecem que a beleza é bela, então sabem que a fealdade existe”. Que rica expressão filosófica e proverbial! Dela, arriscando toda a ignorância de um jurista para o conhecimento da filosofia clássica, adoptamos as mesmas palavras para dizer que, quando os universitários sabem que o conhecimento é bom, então sabem que a ignorância existe. Quando os investigadores sabem que a publicação de conhecimento produzido na Academia é uma beleza cultural, então sabem que a fealdade da falta de conhecimento existe.